

DRIBLANDO O DESTINO COM JESS E JULES: UMA ANÁLISE DO FILME *BEND IT LIKE BECKHAM*

Igor Chagas Monteiro¹
Ludmila Mourão²

PALAVRAS-CHAVE: futebol; gênero; cinema.

INTRODUÇÃO

O filme *Bend it Like Beckham* (2002) é uma produção inglesa com direção da cineasta Gurinder Chadha. Esta comédia apresentada pela *Fox Searchlight Pictures* recebeu em sua versão brasileira o título de “Driblando o Destino” (DANTAS JÚNIOR, 2012).

Esta obra é uma excelente ferramenta para se discutir futebol, gênero e a prática desta modalidade pelas mulheres nas escolas e universidades, já que o cinema nos permite a construção de subjetividades, promovendo transformações sobre o que lemos, pensamos e percebemos (FERRARI, 2012, p.42).

Alguns estudos analisaram *Bend it Like Beckham*, sob diferentes aspectos, e apontam a pluralidade de abordagens que podem ser empreendidas acerca da película (SOARES, 2006; DANTAS JÚNIOR, 2012).

A trama narra a história de Jesminder Bhamra, uma indiana que vive em Londres, mostrando as barreiras culturais, de classe e de gênero enfrentadas por ela para jogar futebol. Sua família hindu, muito tradicional, não aprova a prática desta modalidade, direcionando-a para estudar Direito e vislumbrando um casamento futuro. Ela jogava futebol com homens nos parques londrinos e usava calças devido a pressupostos religiosos e para proteger as pernas dos olhares dos homens.

Jules Paxton é uma inglesa, que joga futebol em uma equipe feminina local e durante o filme desenvolve uma grande amizade com Jesminder.

O filme problematiza a sexualidade e o gênero no esporte, um exemplo é o fato de Paula Paxton, mãe de Jules, acreditar que o futebol pode interferir na sua feminilidade tornando-a homossexual (SOARES, 2006, p.56).

Neste estudo, adotaremos a concepção de gênero de Weeks (1999, p. 56): “O gênero não é uma simples categoria analítica, ele é [...] uma relação de poder. Assim, padrões de sexualidade feminina são, inescapavelmente, um produto do poder dos homens para definir o que é necessário e desejável- um poder enraizado.” Por sua vez, entende-se aqui a feminilidade como social e culturalmente construída, sendo modelada ao longo da vida, onde o que significa ser feminino pode variar enormemente (PARKER, 2000).

A partir do exposto, esperamos com a análise desta produção cinematográfica, contribuir para as discussões de futebol, gênero e sexualidade.

OBJETIVOS

Analisar a narrativa midiática do filme *Bend it Like Beckham*, com destaque para a categoria gênero e as temáticas, feminilidade e sexualidade.

METODOLOGIA



Este trabalho do tipo descritivo discute três cenas da película, a primeira problematiza a presença da mulher no espaço público praticando futebol com homens, na segunda a sexualidade é discutida no espaço do vestiário e a terceira revela os preconceitos de gênero e sexualidade.

ANÁLISE E DISCUSSÃO

A Inglaterra possui uma das maiores ligas de futebol masculino do mundo, a *Premier League* e, nos anos 2000 o *Manchester United* do astro britânico David Beckham era um dos principais clubes europeus. As cidades inglesas possuem inúmeros parques públicos onde a prática do futebol pelos jovens é incentivada pelo governo.

A cidade de Londres não é diferente e, em um destes parques próximo a sua casa, Jesminder joga futebol com seu amigo Tony e outros homens. Nesta cena, a indiana demonstra habilidade e destreza para o esporte, driblando os homens, até o momento em que um deles se revolta e lhe dá um carrinho, derrubando-a no chão e diz: “Quem ela está pensando que é? O Beckham?”. Neste discurso podemos observar que a competência de Jesminder para o jogo incomoda ao homem, sobretudo quando ele é superado por ela. A relação do futebol com o masculino, no discurso do ator quando questiona se “ela pensa que é Beckham”, na Inglaterra, pode estar ancorada na própria *Football Association* (FA), entidade fundadora que banuiu o futebol feminino na Inglaterra no século passado, em 1921, temendo que fosse uma ameaça aos homens pelo grande número de espectadores que elas levavam às partidas, proibição que perdurou até a década de 1970 (GIULIANOTTI, 1999).

Posteriormente as inglesas conseguiram grandes avanços, com os clubes organizados em ligas femininas e o registro de 25.000 jogadoras, como mostram alguns estudos (DUKE; CROLLEY, 1996; LOPEZ, 1997 *apud* GIULIANOTTI, 1999).

Já Jules, ao ver sua habilidade no parque, convidou Jesminder para um teste na equipe Hounslow Harriers (HH), e ela prontamente aceitou.

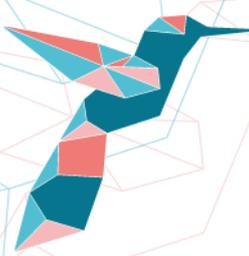
A segunda cena se passa no clube, onde após um treinamento as atletas da equipe londrina, conversam enquanto estão se trocando no vestiário. Jesminder é perguntada se irá casar-se com um indiano e ela responde que provavelmente sim, e completa “... é questão de cultura. Melhor do que dormir com meninos que não vão casar com você. Qual o sentido nisso?”. Em seguida uma das colegas retruca “Mais isso é o melhor!”, e é ironizada por uma outra jogadora que entra na conversa “É você deve saber disso!”, insinuando que sua colega dormia com outros meninos.

Aqui podemos ver que o vestiário é um local onde as jogadoras aprendem “a serem mulheres”, seus corpos ficam muito mais expostos ao olhar das outras e as conversas sobre a sexualidade são permitidas. Isto porque no espaço do vestiário há uma cumplicidade entre elas, um jogo da verdade, onde parece que o que é dito ou feito não ultrapassa as quatro paredes (CAMARGO, 2014).

A equipe do HH vai disputar um amistoso na Alemanha durante a preparação para a temporada inglesa e Jesminder embarca com a delegação escondida de seus pais.

Após a partida, as jogadoras vão a uma festa acompanhadas de seu treinador, o irlandês Joe. Jules mantinha uma paixão secreta por ele e se enfurece ao ver que após algumas trocas de olhares, o treinador e Jesminder quase se beijaram.

Na terceira cena Jesminder vai visitar Jules para se desculpar pelo fato de quase ter beijado Joe. A mãe de Jules estava no andar de baixo da casa ouvindo a conversa, quando sua filha diz: “Você me traiu!”, ela logo pensa que as duas mantinham um relacionamento homossexual e começa a chorar, questionando com seu esposo o fato de a filha nunca ter



levado namorado em casa, suspeitando da sexualidade da filha. Ela que, no dia a dia tensiona o ideal hegemônico de feminilidade (Soares, 2006), na medida em que utiliza roupas esportivas largas, calças *jeans*, usa cabelos curtos e bandana na cabeça.

Ao final da trama e da temporada Jesminder e Jules recebem uma bolsa de estudos para jogar futebol na Califórnia nos Estados Unidos da América e, os pais de Jesminder após muitos desentendimentos com ela ao verem que aquilo era o desejo da filha a deixam ir.

CONCLUSÕES

O filme confronta ideais hegemônicos de feminilidade e uma sexualidade heteronormativa. As discussões sobre gênero, futebol e sexualidade a partir do cinema devem estar na pauta dos debates na contemporaneidade, entendendo que estas hoje são plurais e rejeitam o binarismo até então formador de representações sobre o feminino e o masculino. Estas fronteiras estão borradas e hoje já não respondem mais as questões de gênero.

REFERÊNCIAS

- CAMARGO, W.X. Notas etnográficas sobre vestiários e a erotização de espaços esportivos. Revista *Ártemis*, João Pessoa, p. 61-75, jan-jun. 2014. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/artemis/article/view/17989/11130>>. Acesso em: 23 fev. 2015.
- DANTAS JÚNIOR, H.S. Esporte e Cinema: Possibilidades pedagógicas para a Educação Física Escolar. **Cadernos de Formação RBCE**, Florianópolis, p.67-78, set. 2012. Disponível em: <<http://www.rbceonline.org.br/revista/index.php/cadernos/article/view/1849>>. Acesso em: 11 nov. 2013.
- FERRARI, A. “**Poeticamente silenciosa**”: cinema e a formação ética-estética dos sujeitos. In: CASTRO, R.P. E FERRARI, A. (Orgs.). Política e poética das imagens como processos educativos. Juiz de Fora: Ed. UFJF, p. 37-54, 2012.
- GIULIANOTTI, R. **Sociologia do futebol**: Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões. São Paulo: Ed. Nova Alexandria, 2010.
- PARKER, R. “Cultura, economia política e construção social da sexualidade”. In: LOURO, G.L. (Org.). O corpo educado. 2. ed. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, p.83-112, 2000.
- SOARES, A.J. Diálogos identitários- etnia, gênero, sexualidade e futebol: comentários a partir do filme *Driblando o destino*. In: MELO, V.A. E ALVITO, M. (Orgs.). **Futebol por todo o mundo**: diálogos com o cinema. Rio de Janeiro: Ed. FGV, p. 55-68, 2006.
- WEEKS, J. “O corpo e a sexualidade”. In: LOURO, G.L. (Org.). O corpo educado. Belo Horizonte: Ed. Autêntica, p.37-82, 1999.

FONTE DE FINANCIAMENTO

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)

¹ Mestrando em Educação Física, bolsista da CAPES, pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)/Universidade Federal de Viçosa (UFV). Bacharel e Licenciado em Educação Física pela UFJF. Professor Colaborador do PET/FAEFID da UFJF. E-mail: igao_fjvnteroi@hotmail.com

² Doutora em Educação Física pela Universidade Gama Filho (UGF). Professora do curso de Graduação e Pós-graduação (mestrado) da Faculdade de Educação Física e Desportos da UFJF. Tutora do Programa de Educação Tutorial (PET), bolsista CAPES. E-mail: ludmila.mourao@terra.com.br